

ESPAÇO E ESCALA: partindo de “lugares-comuns”

**Maryna Vieira Martins
Antunesⁱ**

Mestra em Geografia
Doutoranda em Geografia do
Programa de Pós-Graduação em
Geografia da FCT/Unesp, bolsista
CAPES.

ⁱ *Endereço institucional:*
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente, Rua Roberto Simonsen, 305 - Centro Educacional - P. Prudente/SP - CEP 19060-900.
Endereço eletrônico:
antunes.maryna@gmail.com

Resumo

Este ensaio debate algumas contribuições de geógrafas feministas, sobretudo, a partir da obra de Doreen Massey (1944-2016), para o entendimento de espaço e escala geográfica. Desenvolve-se a partir do diálogo com imagens e textos associados à globalização. Argumenta-se que este tema é tratado com recorrência a partir de alguns clichês, arraigados no senso-comum, e que a discussão (e superação) dessas formas de imaginar o espaço são frutíferas para o saber geográfico.

Palavras-chave: Espaço, Escala, Globalização, Modernidade, Doreen Massey.

Space and scale: on “commonplaces”

Abstract

This essay discusses some feminist geographers' contributions, mainly from the work of Doreen Massey (1944-2016), to the understanding of space and geographic scale. It develops from the dialogue with images and texts associated with globalization. It is argued that this theme is treated with recurrence from some clichés, rooted in common sense, and the discussion (and overcoming) of these ways of imagining space are worthwhile for geographic knowledge.

Keywords: Space, Scale, Globalization, Modernity, Doreen Massey.

Introdução

Este texto de caráter ensaístico busca organizar interpretações e provocações surgidas a partir da leitura de autoras das geografias feministas, em especial da obra de Doreen Massey e sua discussão sobre o espaço.

Selecionamos a questão da globalização e alguns lugares-comuns, clichês presentes tanto no chamado senso-comum, quanto no vocabulário acadêmico, que são evocados e associados a esse processo. O fio condutor do texto é constituído pela exploração de diferentes materiais: uma propaganda de telefonia celular que ficou muito famosa nos últimos anos; uma animação curta-metragem que satiriza a evolução do ser humano, disponibilizada no Youtube, com mais de 40 milhões de visualizações; e a pesquisa realizada por Preve e Preve (2017) com livros didáticos de Geografia em suas abordagens da Globalização, imagens e termos recorrentes.

Na primeira seção apresentamos e discutimos algumas dessas expressões recorrentes sobre espaço e globalização e, na segunda, em contraponto, exploramos algumas possibilidades teóricas com o conceito de espaço de Doreen Massey e de escala geográfica de Salie Marston.

Os “lugares-comuns” da globalização e do espaço

No texto “Um sentido global de lugar”, publicado originalmente em 1991, Doreen Massey (2000) trata de questões conceituais relacionadas à lugar e espaço. Ela o inicia (e trabalha ao longo de sua argumentação) questionando alguns conceitos (ou teorias) que, é possível afirmar hoje, há trinta anos de sua publicação original, se tornaram “lugares-comuns” para explicar o chamado mundo atual, a era da globalização: “Vivemos numa época – costuma-se dizer – em que as coisas estão se acelerando e se disseminando” (p. 177). Frases como “rupturas de fronteiras” ou “diminuição das distâncias”, por exemplo, foram incorporadas no vocabulário cotidiano. Se alguns dos processos que ela descreveu eram exclusivos ou mais nítidos nas sociedades industrializadas, a onda neoliberal dos anos 90 e a expansão da internet na última década consolidou a utilização dessas expressões pelo público geral em nosso país.

Um exemplo é a famigerada campanha da operadora de telefonia celular Tim, que em 2009 lançou o slogan “Viver sem fronteiras”. Um comercial em específico, que leva o nome de “É tempo de mentes sem fronteiras”, busca tocar em temas de raça e etnia, gênero, nacionalidade, com a tecnologia como um fator que contribui para superar tais características entendendo-as também como “fronteiras”:

Alguma coisa está acontecendo; Um homem negro com nome mulçumano é presidente dos Estados Unidos; O melhor prêmio de jogador brasileiro do mundo é de uma jogadora; O recorde da indústria de entretenimento não é um filme. É um videogame; O sofá da sala não é mais o único lugar para assistir TV; O prêmio de melhor filme foi dado a um filme produzido na Índia; O papa está fazendo sermões pela internet; E toda banda larga será inútil se a mente for estreita; As fronteiras estão se abrindo. É isso que está acontecendo (SILVA, 2009, p. 01).

É possível traçar uma interpretação das referências espaciais, apontando, primeiramente, que são citados em sua maioria pessoas e instituições de países centrais, ou seja, dos Estados Unidos e da Europa Ocidental: o presidente, a indústria de entretenimento, a federação de futebol, a academia de cinema, o líder religioso. Temos aqui o que Massey (2000) chamou de “olhar do colonizador”, grosso modo, a perspectiva de quem vê sendo feito com aquilo que lhe é familiar, tudo que já faz com os outros:

O senso de deslocamento, que algumas pessoas têm ao ver uma rua local, outrora bem conhecida, agora cheia de importações culturais – a pizzaria; a loja de comida árabe, a agência do banco do Oriente Médio –, deve ter sido sentido, durante séculos – embora de um ponto de vista bastante diferente –, por povos colonizados do mundo inteiro, à medida que assistiam à importação (talvez até fizessem uso) dos produtos da colonização europeia, talvez britânica (de novos meios de transporte a pó para creme), depois norte-americana, quando aprenderam a comer trigo, em vez de arroz ou milho, e a beber Coca-Cola, da mesma forma como hoje experimentamos *enchiladas* (p. 178).

Os povos colonizados por séculos foram governados por brancos, que agora sentem que têm um presidente *diferente*; a religião cristã foi imposta a esses mesmos povos com métodos muito menos sutis que a internet; para não citar a influência de Hollywood impondo seus padrões culturais, de consumo e beleza ao mundo. Massey (2000) articula o argumento do “olhar do colonizador” para desvelar o que ela chama de “*Geometrias de poder de tempo e espaço*”. Este é um conceito que expõe o que está

além da suposta “quebra de fronteiras”, da mobilidade e contato com os *outros* interpretados de maneira irrestrita:

Não me refiro simplesmente à questão de quem se movimenta e de quem não o faz, embora essa questão seja um elemento importante; trata-se também do poder em relação aos fluxos e ao movimento. Diferentes grupos sociais têm relacionamentos distintos com essa mobilidade diferenciada: algumas pessoas responsabilizam-se mais por ela do que outras; alguns dão início aos fluxos e movimentos, outras não; algumas ficam mais em sua extremidade receptora do que outras; algumas são efetivamente aprisionadas por ela (p. 179).

As geometrias de poder explicam a posicionalidade dos sujeitos e dos lugares, ou seja, a maneira como diferentes grupos e sujeitos se situam de modos muito distintos em relação aos fluxos e interconexões do espaço. Dessa forma, para considerar a compreensão de tempo-espaço, a aceleração atual do tempo pelas forças econômicas da globalização, deve-se ponderar que ela não ocorre para *todos* de maneira igual, trata-se, conseqüentemente, de uma questão de diferenciação social que constitui a geometria do poder.

Na frase “O sofá da sala não é mais o único lugar para assistir TV”, poderíamos nos perguntar de que sofá a propaganda fala, onde está a sala, mas mais importante do que essa resposta é quais outros lugares são esses que substituem a sala. Trata-se, portanto, de um convite para o consumidor, como se dissesse “bem-vindo” a esse novo lugar que a empresa oferece. Esse mesmo movimento dual torna-se visível nas outras referências: o negro com nome muçulmano entra na presidência, a Índia na academia de cinema norte-americana, a mulher no esporte... Existe aqui uma dualidade (hierarquizada) típica da modernidade: velho e novo, nesse caso entre a sala de tv e a internet móvel/celular. Forma de pensar, inclusive, que se manifesta em discursos/políticas sobre o tempo e espaço, tais como modernização, colonização, globalização.

Massey (2007) demonstra como estruturas de pensamento associadas à modernidade e à globalização moldaram nossa maneira de pensar o espaço. Em *“Imaginando a Globalização: geometrias de poder de tempo-espaço”*, explica que existem diferentes formas de “imaginar a globalização” – teorizar e produzir discursos sobre os

processos vigentes na atualidade – uma delas é a noção de globalização como a espacialização da estória da modernidade.

Numa perspectiva que advém dos estudos pós-coloniais, a autora explica que a Modernidade produziu narrativas, que foram retroalimentadas por políticas, sobre o tempo e sobre o espaço. No caso do tempo, por exemplo, cita-se os discursos/políticas de modernização, isto é, os processos de transformação das sociedades tradicionais e agrárias em modernas, industriais e urbanas. Já sobre o espaço, os discursos/políticas da globalização, a elevação à nível global dos desdobramentos dos eventos internos da Europa. Outro exemplo de interpretação ou releitura a partir desse prisma é a colonização, que para além de um “subproduto” dos acontecimentos na Europa, passa a ser interpretada como um evento global, um momento crucial para a formação da própria identidade do “Ocidente” (MASSEY, 2007)

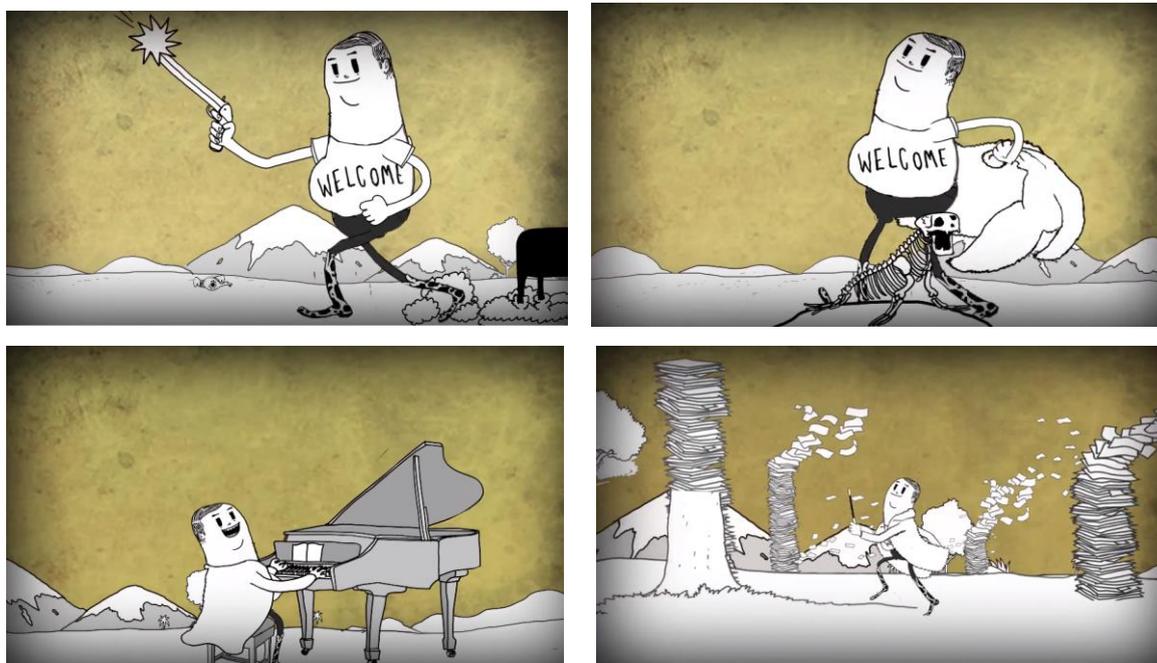
O filme curta-metragem “Man”¹ de Steve Cutts (2012), cineasta britânico, busca retratar de forma satírica a relação do homem com a natureza, é possível assisti-lo como uma história do “progresso da humanidade” e seus danos sociais e ambientais. Chama atenção em primeiro lugar o traje do personagem principal (Imagem 1) com os dizeres “bem-vindo”:



Imagem 1: Personagem principal da animação “Man”. Fonte: <https://youtu.be/WfGMYdalCIU> .

¹ Disponível em: <https://youtu.be/WfGMYdalCIU> .
GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 107-120, jul-dez. 2020

Ele é o único personagem que se movimenta, que se desloca, então, tal como no comercial, trata-se de um autoconvite, a mensagem é para ele mesmo, representa como ele se sente como “explorador” e como age quando encontra os demais elementos da animação. Outras dualidades típicas da modernidade são perceptíveis na maneira com que o personagem ao longo de sua jornada troca as ações mais violentamente explícitas para as mais sutis (da arma para a batuta, da morte dos animais para a moda e a música), como representado nas capturas abaixo (quadro de imagens 1), de modo que podemos associar natureza/sociedade, selvageria/civilização ao o discurso civilizatório do Ocidente, que, por exemplo impôs sua (ou aquilo que denominou de) cultura aos povos colonizados.



Quadro de imagens 1: (Da esq/dir) O protagonista segue sua jornada com violência, representada pela arma; Ele transforma a morte do animal em moda (casaco); O piano (transformado a partir de um elefante) alude à música *erudita*; As árvores são transformadas em folhas de papel pela batuta do homem que se espalham pelos ares o que pode ser associado à disseminação de sua cultura. Fonte: <https://youtu.be/WfGMYdalCIU>.

No trabalho do artista também podemos visualizar a associação da espacialização da estória da modernidade com a globalização, basta considerar que a colonização, a modernização e a globalização são convergentes para a legitimação desse projeto ocidental. Não há interrupções em sua caminhada, todos os obstáculos são

facilmente retirados, incorporados, transformados ou destruídos. Tal qual a legitimidade e universalidade do projeto político europeu foi construída como um encadeamento considerado “*natural*”. Uma visão essencialista na qual o espaço (natureza, colônia, outro) também é subordinado ao tempo (civilização, metrópole, eu) (MASSEY, 2007).

Retomando a mensagem final do comercial da Tim – “as fronteiras estão se abrindo”, é possível interpreta-la agora como uma sentença, não uma opção, é um estágio que se deve alcançar, um processo (inevitável) em andamento. Massey (2007) pontua que a ideia de que se vive num mundo “sem fronteiras” é uma maneira de imaginar a globalização como *a-espacial*. De certo modo, essa perspectiva intenta superar a visão moderna de hierarquia entre os lugares (através, por exemplo, do grau de inserção na sociedade ocidental, grau de modernização, de desenvolvimento...) e imaginá-los todos interligados, conectados pelos mais diversos fluxos, o “[...] espaço é aberto e sem barreiras” (MASSEY, 2007, p. 148). Quando Massey (2007) indica que é *a-espacial*, quer dizer que as desigualdades espaciais são ignoradas, por isso o próprio espaço é ignorado, logo, a globalização seria inevitável – aqui, por outro lado, se prossegue com a lógica evolucionista da modernidade.

Willian Sartor Preve e Ana Maria Hoepers Preve (2017) realizaram uma pesquisa sobre a presença de imagens e termos recorrentes na abordagem do tema Globalização, em livros didáticos de Geografia destinados ao Ensino Médio. Foram analisadas duas coleções de livros (*Território e Sociedade no Mundo Globalizado*, de Lucci, Branco e Mendonça (2013) e *Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e Globalização*, de Sene e Moreira (2015)) com maior foco nos livros do segundo ano, pois eram os que possuíam capítulos ou unidades específicas sobre o tema.

As palavras e expressões que mais compareceram foram: empresas trans/multinacionais, mercado e fluxos; e as imagens recorrentes remetiam ao globo ou planisfério tomado por grandes marcas ou representações de deslocamentos/movimentos de circulação (informações, mercadorias, pessoas), inovação tecnológica (transporte, comunicações) e de cidades globais (Londres e Nova York). Um exemplo pode ser apreciado na imagem 02:



Imagem 2: Imagem introdutória do capítulo 2, intitulado “A globalização e seus principais fluxos” do livro Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização (SENE e MOREIRA, 2015). Fonte: PREVE E PREVE, 2017.

Na imagem a noção de “a-espacialidade” da globalização é veemente, as logomarcas dessas grandes empresas simplesmente flutuam sobre todos os lugares (ou lugar nenhum), não há dimensão de onde vêm ou para onde vão, não está explícito que é possível ligá-las a localizações determinadas, a histórias ou nacionalidades específicas. Nesse sentido, o autor e a autora identificaram a presença de determinados clichês relacionados, sobretudo, com a ideia de “mundo sem fronteiras”: “[...] tanto as palavras como as imagens constroem imaginações geográficas, principalmente aquelas hegemônicas que evocam uma ideia de espaço livre e sem limites (p. 197)”. Essa imaginação espacial traz uma perspectiva essencialista, em que o espaço é pré-existente, dado a priori, e não fruto de diferentes relações.

Explorando possibilidades nos “lugares comuns”

Massey em “*Pelo Espaço*” (2008) estabelece as seguintes proposições. 1. O espaço é produto de inter-relações; 2. É a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; 3. Está sempre em construção, nunca acabado ou fechado.

O conceito de geometria do poder nasce da ideia de que o espaço não é um simples palco no qual os eventos se passam, mas o resultado de processos que se estendem desde a intimidade do próprio corpo ao todo global. Busca evidenciar o papel que o poder tem na construção de uma prática social especializada. Por conseguinte, a problemática do poder é fundamental para compreender a noção de que o espaço é produto de inter-relações, pois estas estão sempre imbuídas de poder e o poder, ele mesmo, tem sua cartografia (do corpo ao espaço global) (ALBET; BENACH, 2012).

Como Massey (2000) explana, diferentes relações espaciais, como a mobilidade diferenciada de alguns grupos e o controle sobre essa mobilidade, refletem e reforçam o poder. Espaço e poder estão intimamente interligados, há espaços onde há concentração de relações intrínsecas à globalização, capazes de se comunicar, interagir com um grande número de outros lugares – de controlar essas relações e de subordinar outros lugares; ao passo que há lugares que não são capazes de estabelecer e nem de controlar as relações que estabelecem – as chamadas cidades-locais são exemplo disso, embora podemos identificar que elas podem se relacionar com grandes centros, através da internet ou mesmo da presença de empresas multinacionais – entram nessa relação em condição de passividade. Nesse sentido, há lugares e sujeitos identificados com esses espaços se posicionam nas geometrias de poder do tempo-espaço em situações de subalternidade e/ou imobilidade em comparação aos fluxos e dinâmicas ditas globais – ou seja, estão submetidos à processos que se dão em outras *escalas geográficas* e possuem pouco controle sobre estes (MASSEY, 2009).

Em 1972, o japonês Hisachika Takahashi realizou um experimento com outros 22 artistas norte-americanos, que consistia em desenhar, de memória, um mapa dos Estados Unidos. Foram 22 resultados únicos, como se pode imaginar, cada qual representou não somente uma diferente técnica ou estratégia perante o desafio, como

também sua visão sobre seu país. Em especial, o desenho de Joseph Kosuth chama atenção por sua simplicidade:



Imagem 3: Desenho de Joseph Kosuth para "From Memory, Draw a Map of the United States", 1971-2, de Hisachika Takahashi. Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/entry/from-memory-exhibit_n_3909054?rii8n=true.

Nessa representação, o autor destacou dois pontos daquele país. Mas não quaisquer pontos, o que está destacado é tão poderoso que aquele que vê, é capaz de preencher todo o desenho mentalmente. Mais do que isso, essas localizações representam àquilo que nos referimos boa parte das vezes quando usamos a expressão “global”, quando qualificamos os “Estados Unidos da América” com este adjetivo. Essas localizações, que poderiam ser ainda mais precisas, Hollywood ou Wall Street, por exemplo, congregam sujeitos e fluxos de mobilidade irrestrita, exemplificam, portanto, locais que conseguem subverter sua “localidade”, tornar-se, portanto, “globais”.

Na geografia, por um longo período se estabeleceu a concepção de um sistema rígido e fechado de escalas, que permanece até a atualidade, não somente no âmbito GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 107-120, jul-dez. 2020

científico, mas bastante enraizado nas políticas públicas e no senso comum. Numa visão de espaço fechado as escalas também são vistas dessa forma, é a tão criticada ideia das bonecas russas, na qual o espaço é composto por partes que se encaixam de maneira hierarquizada. Essa visão associada a globalização construiu uma imaginação espacial onde o “global” paira, como um espectro, incorpóreo, sobre o mundo, enquanto o “local” é fixado, imóvel, sempre a espera de algo que se passa “acima dele” (tal como pode-se interpretar da imagem 2).

Preve e Preve (2017) também entrevistaram professores e professoras para investigar se os termos e imagens encontrados nos materiais didáticos correspondiam aos que eles abordavam em suas aulas. Foi constatado o que para eles trata-se de uma limitação de interpretação, pois as mesmas imagens e expressões se mantiveram nas falas dos entrevistados. Uma frase em particular, a respeito das figuras trabalhadas, chama atenção:

Aquele dos fluxos de informações [...] de marcas, de restaurantes, moda, a língua falada. É aquilo que eu te falei: **eu parto lá do global e venho vindo**, vou falando dos carros que vocês veem na rua, das empresas automobilísticas. E daí tu vai explicar o que é uma multinacional; quando vieram; o que fez esse mundo estar interligado [...]. (Prof. 1) (PREVE E PREVE, 2017, p. 196 - grifo nosso).

Fica evidente que o “global” é algo que está longe, mas capaz de chegar até nós. Essa construção advém de uma tentativa de evidenciar que esse processo é desigual, hierarquicamente comandado, o que faz muito sentido e em nenhum momento busca-se negá-lo. Porém, é necessário criticar a repetição das mesmas narrativas, que também são localizáveis em geometrias do poder. Essa construção, como já identificamos, torna esses agentes e processos a-espaciais, deslocados de seus espaços de origem, que são, ao contrário, passíveis de serem localizados, e o mesmo acontece com a elaboração narrativa, o discurso da modernidade europeia ganha universalidade.

Uma perspectiva que pode ser considerada complementar a visão de espaço aberto e interrelacional, é a elaboração das escalas geográficas como uma construção social. Trata-se, em síntese, de uma rejeição à ideia de que as escalas são dadas, estão “prontas” na realidade. Sallie Marston (2000) explica que o ponto fundamental desta

crítica é o argumento de que a escala não é necessariamente uma estrutura hierárquica pré-estabelecida para ordenar o mundo, como se este fosse dividido em “camadas”: local, regional, nacional e global.

Marston (2000) aponta que, ao contrário, a escala é um resultado *contingente* de tensões, relações entre forças estruturais e práticas humanas. Contingente é o que não é *necessário*, que pode ser ou não ser, ou ser algo diferente do que é (JAPIASSU E MARCONDES, 1990). Assim, escala aqui é entendida de forma muito semelhante a espaço para Doreen Massey: construído por meio de inter-relações, não é, portanto, um fato externo que aguarda a descoberta; é uma maneira de se enquadrar realidades sociais. Nesse sentido, se pensarmos novamente no personagem do curta metragem, no modo que ele se desloca, podemos concluir que ele está construindo sua escala (e espaço):



Quadro de imagens 2: A medida que o homem se desloca sua área de domínio se expande, ele vai sendo representado em tamanho menor, enquanto o cenário aumenta, este se modifica, de natural (presença de árvores e animais) até a sua destruição (montanha de lixo), passando pela presença de meios de transporte, fábricas e cidades. Fonte: <https://youtu.be/WfGMYdaCIU> .

Como já associamos a estória da modernidade com a globalização e a legitimação do projeto político europeu, podemos agora refletir como a escala dos eventos originários na Europa tornou-se global (assim como do Homem, universal). Marston (2000) explica também que a escala, como uma construção social possui, por sua vez, resultados materiais (nunca é demais citar as atrocidades humanas e ambientais embutidas em projetos de “progresso”, “modernização, “desenvolvimento”).

Desconstruir essa ideia de “global” – um enquadramento realizado a partir de um determinado grupo (governos dos países *centrais*, grandes corporações...) – pairando sobre nós, é um exercício que se faz, à exemplo de Massey (2000), ligando-o a outros lugares, seus lugares de origem, de disseminação – tal como Los Angeles ou Nova York –, evidenciando as relações e as qualidades das relações entre esses lugares. Pois, tal como os enquadramentos são contingentes, seus resultados podem ser contestados. Desse modo, quando avaliamos um processo como a globalização sob essa perspectiva, é muito limitador imagina-lo a partir de uma única escala, definida quase que abstratamente como “global” (MARSTON, 2000).

Considerações finais

O exercício teórico realizado neste ensaio buscou, permitindo-nos a um jogo de palavras, o enfrentamento de alguns lugares-comuns (da leitura do espaço e da globalização), indicando uma opção de análise a partir dos *lugares comuns*, isto é, de espaços e sujeitos que estão à margem da produção acadêmica, que não são nem *objetos* de estudo, tampouco considerados produtores de conhecimento. Questionar o avanço das forças liberais também deve ser realizado a partir de nossos estudos, com o cuidado ao selecionar teorias, recortes e sujeitos de pesquisa, que não reforcem narrativas já estabelecidas, mas que notabilizem caminhos alternativos, que nos permitam um futuro que já não esteja pronto, como diria Massey (2008), uma geografia de estórias de até agora.

Referências

- ALBET, Abel; BENACH, Núria. **Doreen Massey: Un sentido global del lugar**. Barcelona, Icaria Editorial, 2012.
- CUTTS, Steve. **Man**, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WfG-MYdalCIU>. Acesso em: 10 Jul 2018.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- KOSUTH, Joseph. Desenho para "From Memory, Draw a Map of the United States", 1971-2, de Hisachika Takahashi. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/from-memory-exhibit_n_3909054?rii8n=true. Acesso em: 9 set 2020.
- MARSTON, Sallie. The social construction of scale. **Progress in Human Geography** 24, 2, 2000 pp. 219-242.
- MASSEY, Doreen, Concepts of space and power in theory and in political practice. **Doc. Anál. Geogr.** 55, 2009, p. 15-26.
- MASSEY, Doreen. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espço. **Revista Expressões Geográficas**. Florianópolis: n. 3, 2007, p. 142-155.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: por uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 177-185.
- PREVE, Willian Sartor; PREVE, Ana Maria Hoepers. Imagens da globalização em livros didáticos de geografia: imagens que podem mais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 14, p. 185-199, jul./dez., 2017
- SILVA, Ricardo. **Um tempo de 'mentes sem fronteiras'?**, 2009. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/um-tempo-de-mentes-sem-fronteiras/>. Acesso em: 11 Jul 2018.

Recebido em 09 set. 2020;
aceito em 12 dez. 2020.